

# Problemas de assistência

II

Duas grandes lições se recolhem dos números fornecidos pelo Centro de Inquérito Assistencial: hábito de fraude na solicitação da Assistência, mas, apesar disso, excessivo numero de famílias necessitadas.

Para evitar a fraude, foi criado o Centro de Inquérito Assistencial, cujos fins se podem resumir nestes dois: preparar um grupo suficiente de visitadoras sociais capazes de fazer um inquérito, e seguir de perto os casos de miséria, trazendo aos dirigentes da Assistência os elementos que os habilitem a fazê-la como convem.

Se o primeiro dos fins é fácil de atingir com uma escola especializada e com o exercício da inquirição, já o mesmo não acontece com o segundo.

Verificou-se existirem na cidade de Lisboa cerca de 30.000 famílias necessitadas de assistência. Para que possa ser bem feita, precisava o Centro de Inquérito de saber:

1.º—Qual a causa da miséria destas famílias?

2.º—Que espécie de assistência deve ser fornecida a cada uma?

3.º—Quais as famílias susceptíveis de sair do estado de miséria em que se encontram?

4.º—Que meios se devem empregar em cada caso?

É evidente que nem todas as famílias são necessitadas pelos mesmos motivos, como é evidente que, embora o numero permaneça sensivelmente idêntico, há sempre mudanças na situação económica das famílias, porque, enquanto umas podem sair da miséria, outras virão a cair nela e a precisar por sua vez de assistência. E se umas necessitam de um auxilio permanente, muitas serão aquelas que poderiam ver mudada a sua dolorosa situação por um auxilio transitório, seja em dinheiro, seja de qualquer outra maneira.

Acompanhar de perto a vida de 30.000 famílias, espalhadas por uma área tão longa como a de Lisboa — trinta mil famílias que não são sempre as mesmas e não estão sempre na mesma situação — facilitar-lhes os meios adequados de as arrancar das garras da fome, elevá-las material e moralmente, fazer render socialmente aquêles que nessas famílias possam ainda ser uteis a si próprios e á comunidade, dar-lhes a esperança e a alegria de viver, suavizar-lhes as chagas morais muitas vezes mais carecidas de bálsamo do que as próprias chagas físicas, dar-lhes consciencia da sua dignidade humana e do espirito de solidariedade amiga com que a Assistência vai até ellas, tudo isto não o pode fazer um Centro de Inquérito, por mais desenvolvido e ordenado que seja.

Uma visitadora social não pode limitar a sua acção a um interrogatório sumário, a que se responde quasi sempre com menos verdade, mesmo quando as perguntas são feitas ás vizinhas, solidárias na desgraça ou invejosas do hipotético beneficio alheio. Para que a Assistência venha a ser socialmente util, o inquérito não basta, como não chega o auxilio que se lhe seguir. Mais do que tudo isto, importa conhecer a causa profunda da miséria e removê-la. Importa sobretudo auxiliar os miseráveis a sair duma situação que, por si próprios e abandonados á sua impotencia, não são capazes de dominar. Salvo os casos de casais inválidos e sem familia, a quem se não

pode fazer outra assistência senão a da esmola ou de subsidio, todos os outros deverão ser auxiliados por meios muito mais dignificadores. A própria palavra «assistência» não deveria significar outra coisa senão esta: assistir os necessitados nos seus próprios esforços para sair da necessidade em que acidentalmente se encontram.

O sistema do puro subsidio é demoralizador e degradante. A caridade cristã não consiste tanto em dar esmola, como em fazer com que não haja necessidade de ser dada. Já Santo Agostinho afirmava que tão dura é a caridade daquêles que, para a poderem fazer, desejam que haja pobres, como dura seria a medicina que, para se exercer, desejasse a assistência de doentes.

Não acreditamos que, nos trinta mil casos de miséria assinalados pelo Centro de Inquérito, não haja mais de dois terços de situações reparáveis. Mas elas só o serão, quando a Assistência enveredar francamente pelo caminho da reabilitação dos assistidos.

O primeiro grande passo a dar-se neste sentido seria, porém, o da descentralização dos serviços assistenciais. Centros locais de assistência, devidamente apetrechados com visitadoras sociais, enfermeiras puericultoras, serviços clinicos, casas de trabalho, jardins de infancia, creches, serviços de readaptação ao trabalho, escolas profissionais, centros de colocação, numa palavra, centros de verdadeiro serviço social, onde viessem procurar amparo todos os atribulados e donde saísse a palavra de esperança e a iniciativa do resgate.

Não é pedir de mais, nem sonhar com impossiveis, reclamar uma assistência reabilitadora. Diremos até, uma assistência preventiva; isto é, uma assistência que procurasse acudir a tempo ao mal que se aproxima, uma assistência que impedisse a tempo os casos irremediáveis. Quantas lágrimas se não evitaram, quan-

ta fome se afastou de tantos lares, só porque a caridade de algumas organizações particulares, e até publicas, soube acudir no momento proprio, a chefes de familia que estavam á porta da tuberculose!

Mas esta assistência preventiva e reabilitadora só pode fazer-se repetimos, pela descentralização, de forma a que toda uma pequena área populacional possa ser vigiada e seguida de perto.

E não nos parece — dados da experiencia — levam-nos a essa conclusão — que uma assistência feita assim fique mais cara. O que aliás se tem feito na assistência infantil bem demonstra a que magnificos resultados tem conduzido uma assistência vigilante e educadora.

Os tempos vão mudados. As exigencias do Evangelho — e desculpem-me que dêle fale — têm sido ultimamente postas a lume com tal evidencia, que se nos afigura estarmos a assistir a um decidido regresso áquêles belos tempos de pureza evangélica, em que os cristãos jejuavam dois e três dias, para que não faltasse o pão no lar dos seus irmãos. Este regresso vai reclamar da nossa sociedade que se diz cristã, mas que o não é, uma verdadeira revolução nas idéias e nos costumes. E perante essa nova cidade que vamos dolorosamente construindo, em luta permanente contra um falso e

mentroso cristianismo, as idéias dirigidas, assistencia, fraterna, generosa, vigilante e dignificadora, são apenas a semente lançada á terra, donde ha-de brotar uma civilização nova, em que todos compreenderão que a caridade não está em dar esmolas, mas em evitar que elas sejam precisadas.

Mas isto leva-nos também a outros problemas intimamente ligados com os da Assistência, que abordaremos em próximos artigos.

ABEL VAREZIM